

Veja mais notícias em [www.tribuna.com.br](http://www.tribuna.com.br)

## Enquete

**Redes fazem megaliquidações**  
Você aproveita a época para comprar ou prefere economizar?

## Blog Mundo Pet

**Quando agressividade exige atenção**  
Você sabe reconhecer sinais de braveza no cão? Veja dicas para domar o animal

## Blog Eu Estudo

**Não teve tempo de estudar durante as festas?**  
Não se culpe. Descanso nessa época do ano é fundamental para o bom desempenho futuro

Seguindo a tradição, as casas eram erguidas sobre bases suspensas, para escapar da umidade do inverno



Na Vila Ferroviária, permanecem em pé 11 deles. O vilarejo já abrigou mais de 70 casas, escola e hospital

# Chalés desafiam o tempo em Cubatão

Cerca de 50 destas construções de madeira feitas pelos portugueses, algumas há 75 anos, exibem um pouco do passado da Cidade

MANUEL ALVES FERNANDES  
DA REDAÇÃO

Fotos amareladas dos anos 40, em uma farmácia da Avenida Nove de Abril esquina com a Avenida Pedro José Cardoso, mostram uma Cubatão pouco conhecida, cercada por bananais e, aqui e ali, poucas casas, todas com a mesma característica: eram chalés de madeira.

Setenta e cinco anos depois, os sítios desapareceram. Os terrenos deram lugar às fábricas, ou a casas de alvenaria.

Mas, teimosamente, ainda resistem ao tempo pelo menos 50 chalés de madeira, alguns caprichosamente mantidos pelos descendentes de portugueses – a maioria de Aveiro – que vieram trabalhar nos bananais. E até um lote inteiro deles – não tão bem cuidados – na pequena vila ferroviária atrás da antiga estação dos tempos do Barão de Mauá, entre o Rio Capivari e a Avenida Nove de Abril.

## PINHO DE RIGA

“Os primeiros chalés foram feitos de caixotes de bacalhau, de pinho de Riga, da Estônia, que os portugueses iam apanhar no Porto de Santos”, conta Armando Campinas Reis.

Filho de Manuel Campina, um aveirense, ele revela que o costume e os segredos da construção dessas casas de madeira foram trazidos dos Açores e da Ilha da Madeira, no início do século 20, e implantados em Santos no que seriam mais tarde a Ponta da Praia, a Zona Noroeste e os morros.

Eram casas arejadas, implantadas sobre bases suspensas, para escapar de umidade do inverno, com porões por onde entrava o vento que arejava o



Enquanto alguns imóveis denunciam o passar dos anos, outros, como esse, passaram por melhorias mas mantêm o charme e a simplicidade

assoalho das moradias, nos quentes verões.

A novidade também chegou ao então distrito de Cubatão, pertencente a Santos. “Eu nasci em um chalé na Vila Nova, em 1940. Três anos depois, meu pai construiu um conjunto de chalés nas proximidades da atual Rua

São Paulo. E outros empreendedores o imitaram”.

Foi na Vila Couto, nos arredores da Praça Princesa Isabel e nas ruas Antônio Lemos, Armando de Sales Oliveira e Manoel Jorge, que os chalés de tábuas de ipê, madeira brasileira, resistente à ação do tempo e aos cupins, começaram a se ex-

pandir. Havia alguns de peroba, madeira mais cara, mas que exigia menos necessidade de conservação.

Os chalés também foram implantados nos afastados bairros de Piaçaguera, onde ainda permanece a Vila Varandas, habitada por descendentes de funcionários da antiga São Paulo

Railway Company, da estrada de ferro Santos-Jundiá.

Ainda permanecem em pé 11 deles na Vila Ferroviária, que já abrigou mais de 70 casas, escola e hospital. A ocupação dos atuais bairros-cota também começou com a construção de chalés, pelo Departamento de Estradas de Roda-

## Construtor

**“Eu nasci em um chalé na Vila Nova, em 1940. Três anos depois, meu pai construiu um conjunto de chalés nas proximidades da atual Rua São Paulo”**

Armando Campinas Reis

gem (DER), na altura do Km 50 da Via Anchieta. E os primeiros moradores do Jardim Casqueiro residiram em chalés nesse bairro de Cubatão, mais próximo a Santos.

## MIQUELINA

Figura romântica dos anos de 1920, Miquelina Domingues, que tinha uma pensão na Avenida Nove de Abril onde hoje fica o Barateiro (antigo Peralta), contribuiu para atrair os primeiros aveirenses.

“Ela abrigava na sua pensão os portugueses que vinham trabalhar nas plantações, até que pudessem ter vida própria. A Cidade deve muito a essa mulher, que teve o prazer de conhecer”, conta Reis.

Miquelina seria, também, uma das primeiras a construir os chalés mistos (com cozinhas e banheiros de alvenaria) e mais tarde, casas inteiramente de alvenaria.

Pelas ruas de Cubatão, ainda é possível encontrar alguns chalés mistos dessa época. Entre eles, um pintado de amarelo e com lâmpadas antigas, cercado de flores e palmeiras, na Rua Antônio Lemos, 220, com um muro de alvenaria.

## Adaptada, casa vira restaurante

Um dos mais bem conservados chalés de Cubatão, que abriga um restaurante, o Cantinho do Sabor, fica na Rua Armando de Sales Oliveira.

“Meu pai, José Maria da Rocha, comprou este chalé em 1945, poucos meses antes do meu nascimento”, conta o comerciante Carlos Alberto da Rocha. Depois de viver por muitos anos na casinha de madeira que herdou dos pais, Carlos se mudou para uma casa de alvenaria. Mas manteve o chalé com as mesmas características.

Em 1993, ao viajar para a

## Reformas

**Antes de ser transformado em um restaurante, o imóvel, na Rua Armando de Sales Oliveira, passou por reformas exigidas pela Vigilância Sanitária.**

região Sul do País, teve a ideia de transformar a velha propriedade em um negócio lucrativo. “No Sul, eu vi vários cafés e restaurantes que funcionavam em chalés como o nosso. Foi

então que decidi restaurá-lo e montar um restaurante em Cubatão”.

O Cantinho do Sabor já existe há 22 anos. É um chalé misto, que passou por várias reformas exigidas pela Vigilância Sanitária. Carlos Alberto, de uma família tradicional que ainda mantém um dos últimos sítios de bananas de Cubatão, faz questão de preservar essa antiga construção do tempo em que não havia grandes indústrias na Cidade. Um tempo em que Cubatão era mais conhecido por exportar bananas para a Argentina.



Carlos Alberto herdou dos pais o chalé comprado em 1945 e há 22 anos conduz ali o Cantinho do Sabor